

Apresentação

Maria José de Queiroz, artesã da palavra

A revista *Calígrafo* dedica este número à professora e escritora Maria José de Queiroz. Nascida em 29 de maio de 1934, em Belo Horizonte, ela falece em 15 de novembro de 2023, em Lagoa Santa, Minas Gerais.

Como docente da Faculdade de Letras, ela ensinou, por quase três décadas, Língua e Literatura Hispano-Americana, sucedendo ao seu mestre e amigo, Professor Eduardo Frieiro (1889-1982). Aos 26 anos, tornou-se a mais jovem Professora Catedrática do Brasil. No exterior, foi Professora Convidada em várias universidades dos Estados Unidos, da França, da Alemanha.

Com mais de 30 livros publicados, muitos deles foram premiados: Silvio Romero, de Ensaio, da Academia Brasileira de Letras; Othon Lynch Bezerra de Mello, de Ensaio, da Academia Mineira de Letras; Pandiá Calógeras, de Erudição, da Secretaria do Estado de Minas Gerais; Luísa Cláudio de Souza, de Romance, do PEN Clube do Brasil; Jabuti, de Ensaio, pela Câmara Brasileira do Livro; recebendo, ainda, pelo conjunto da obra, o Troféu Eunice e Dilce Fernandes, de 2014, outorgado pela Academia Mineira de Letras.

Após Henriqueta Lisboa (1901-1985), foi eleita para a Academia Mineira de Letras, sucedendo a Affonso Penna Júnior (1879-1968), na Cadeira 40, cujo patrono é o Visconde de Caeté (1767-1838). Atualmente, essa Cadeira é ocupada pela também iluminada professora e escritora Conceição Evaristo (1946-). Sua vida acadêmica, entre o magistério e a pesquisa, realizou-se na escrita em gêneros variados: o conto minimalista, o romance histórico e urbano, a poesia singular, além do ensaio, que exercita com magistral competência, entre uma lágrima, um sorriso e a música, como tantas vezes afirmou. Autora de vários títulos nesse gênero, destaco dentre eles: *A literatura encarcerada*, de 1981; *A literatura e o gozo impuro da comida*, de 1994; *Os males da ausência ou A literatura do exílio*, de 1999; *Em nome da pobreza*, de 2006, só para ficar em alguns títulos.



Pedro Nava, na apresentação do romance *Homem de sete partidas*, publicado em 1980 por Maria José de Queiroz, define-a como uma artista e uma artesã da palavra pela sua perícia em

catar, separar, escolher a palavra adequada, o verbete justo, a expressão insubstituível – ao seu manejo, num jeito que encanta pela simplicidade, pelo correntio, que são o resultado do que é incansavelmente trabalhado até poder se apresentar em estado de pureza e da supressão de todo o supérfluo (Nava, 1999, p. IX).¹

A certeira definição de Nava sobre o trabalho artesanal da escritora passa, certamente, pela ideia de perfeição e de concepção de um empreendimento pautado pela erudição e por um conhecimento humanístico solar. O artesanato textual a que Nava se refere aproxima a construção do texto de Queiroz a um fazer literário comprometido com os rigores da língua. Nava aponta para o uso de termos raros, pouco usuais do vernáculo, e, ao mesmo tempo, reconhece a fluidez do estilo, o estilo elegante e sóbrio.

Defendida em 1993, a dissertação *Exercício de fandeira: uma análise do romance Joaquina, filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz, sobre esse romance histórico, publicado em 1987, ainda insuperável sobre o tema da Inconfidência Mineira. A partir desse trabalho, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG (Pós-Lit/UFMG), seguiram-se artigos, monografias, dissertações, teses e um documentário, na UFMG e fora dela, sobre a obra da escritora.

Este número, portanto, espera trazer à luz, nos artigos que publica, a obra de uma das mais instigantes, enciclopédicas e célebres escritoras brasileiras do nosso século.

A organizadora,

Lyslei Nascimento²

¹ NAVI, Pedro. Apresentação. In: QUEIROZ, Maria José de. *Homem de sete partidas*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. IX.

² Professora Titular de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG (lyslei@ufmg.br).